

**Atrevidas graças a Deus: Maria Nova e Bitita, reflexões sobre gênero, classe e etnia a partir de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus**

**Cristiane Felipe Ribeiro de Araujo Côrtes<sup>1</sup>**

Este trabalho pretende refletir sobre as memórias afro-femininas da literatura brasileira a partir das obras *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo e *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus.

Nos dois romances, encontramos a voz de meninas que têm um olhar bastante reflexivo acerca da realidade das famílias afro-brasileiras pobres. O olhar aparentemente ingênuo e infantil das crianças suscita discussões reveladoras e inquietantes sobre a abolição, que não lhes devolveu a dignidade merecida ou sobre as relações de gênero presentes na sociedade que subjuga a mulher. A escrita dessas autoras torna-se uma ferramenta importante de poder, porquanto constrói uma memória que poderá, de acordo com Le Goff, “salvar” o passado e servir para o presente e para o futuro. As suas experiências pessoais refletem as coletivas re-significando identidades, criando um passado, segundo Walter Benjamin, mais justo para com as identidades presentes na pós-modernidade.

As autorias negras femininas, de um modo especial, estão sempre dispostas a olhar para trás. *Becos da Memória*, narrativa que trata da realidade das várias personagens encontradas nos becos das periferias do país, coloca a favela como a representação da senzala contemporânea, sinônimo de exploração, sofrimento, luta e resistência. O espaço não tem nome e nem local definido, esse aspecto promove uma ampliação da

---

<sup>1</sup> Mestre em Teoria da Literatura pela UFMG

representatividade da realidade de um coletivo que tem sua memória galgada nos tempos da escravidão. A obra busca narrar as raízes dos excluídos, inclusive do cenário literário brasileiro. Maria Nazareth Soares Fonseca, no prefácio do romance, explica que as vozes marginalizadas reproduzidas denunciam uma sociedade que se constitui a partir do silenciamento da experiência de pessoas que ocupam os lugares periféricos porque são “empurradas” para as margens. O romance recupera as experiências de pessoas expostas ao sofrimento e à.

O processo de desfavelamento tratado na obra vai revelar a exclusão dessas pessoas do chamado progresso urbano. Assim, sem espaço, o que resta a essa população são as reminiscências do tempo feliz, da vizinhança amiga, do local conhecido. O livro expõe as “memórias subalternas” que recuperam cenas da vida cheias de amor, afeto e compaixão. Maria nova, uma das protagonistas, está sempre questionando o passado que empurrou a sua família para a favela, pois a libertação dos escravizados não lhes devolveu a dignidade; por conseguinte, as famílias negras foram retiradas do processo de modernização das cidades. Ao se voltar ao passado, Maria Nova só vê ruínas e quando pensa no seu presente, sabe que terá que abandonar o seu bairro, lar e amigos.

*Diário de Bitita* teve sua primeira publicação em 1982, na França, com o título de *Journal de Bitita* e, curiosamente, só quatro anos mais tarde, em 1986 foi publicado no Brasil, pela Nova Fronteira. A obra, segundo Daniel Moreira, constitui-se como o mais bem acabado exercício de arquivamento de Carolina, sendo capaz de alterar toda a dinâmica de leitura de suas outras obras, dando ao conjunto uma feição bem mais aproximada à de um projeto memorialístico bem articulado. O livro se divide em vinte e dois capítulos redigidos em prosa e cada um trata de um tema definido, apesar de alguns temas perpassarem toda a narrativa.

Os relatos compreendem fatos que estão entre 1914, ano do nascimento de Carolina na cidade mineira de Sacramento, e 1937, quando vai definitivamente para a cidade de São Paulo. O testemunho de Carolina coloca na autobiografia um de seus aspectos mais marcantes: a capacidade de permitir ao homem algum espaço de resistência e questionamento em meio às adversidades do mundo.

Tanto Carolina Mara de Jesus quanto Conceição Evaristo, ao invocarem suas reflexões de criança para comporem suas narrativas, questionam o estereótipo da criança ingênua, alienada aos problemas de sua classe. Ambas narrativas mostram que com fome não se brinca, ou melhor, que a brincadeira existe, mas a fome também. A literatura mostra que o fato de sofrerem junto da mãe o reflexo do abandono promovido pelo sistema escravocrata brasileiro fez com que essas crianças mantivessem uma visão crítica da condição social em que se encontravam. Quando tais autoras propõem ler e escrever uma espécie de anti-história acerca da formação da nação brasileira, seja na favela de uma cidade grande ou na comunidade de uma cidade do interior, a partir da ótica dos sujeitos diaspóricos e em situações de subalternidade, elas promovem a descentralização dos discursos historiográficos desprovidos já da aura de verdades absolutas que fomentaram estereótipos, contribuíram para submeter culturas e funcionaram como instrumento de controle social.

Em consoância, Homi Bhabha acredita que o crítico deve se responsabilizar pelo que não foi dito e se empenhar em reconstruir uma história que possa dizer o que foi silenciado. É nisso que Gilroy (2001, p. 374) acredita quando escreve que “contar histórias contribui para a criação de uma esfera pública alternativa trazendo à tona particularidades

de auto-dramatização e auto-construção que podem fornecer elementos cruciais para a contra-cultura racial”.

O fato de ambas as obras serem inspiradas pelas próprias experiências das autoras fortalece a perspectiva testemunhal dos textos proporcionando suas vivências aos seus leitores. Márcio Seligmann-Silva caracteriza a literatura de testemunho na América Latina como um novo gênero literário que “passa a representar uma política da memória, pois é um gênero apto a representar os esforços revolucionários dos oprimidos” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 87).

O empenho das autoras em contar suas histórias pode ser comparado ao de um membro da família que organiza seu álbum de recordações. As autoras contam o que viveram a partir de uma perspectiva infante para proporcionar um tom inusitado da narrativa, mas esse gesto representa também uma maneira de se colocar a vida desde sempre como inteligente, capaz de ver criticamente o mundo a que pertencem, traços marcantes das autoras.

Percebemos, então, que a literatura se torna o relato de um retrato que quer invocar o coletivo. É como se as autoras desejassem que suas origens, ou o coletivo a que pertencem, fossem reconhecidas a partir dessa atmosfera crítica e questionadora que elas apresentam aos leitores e não daquela que as coloca no lugar da subserviência ou bestialidade. O desejo de tornar as experiências da infância, pertencentes ao relato oral, em arquivo confirma essa intenção de apontar uma contra-narrativa que reverta os estereótipos criados pela chamada literatura universal.

Derrida acredita que a ideia de que o arquivo pode ser uma ferramenta a um só tempo do instituidor e do conservador, do revolucionário e do tradicional. A possibilidade de construção arquivística a partir de uma experiência pessoal funcionará como a projeção

de um desejo de arquivamento em que o discurso assumido como justo em relação àqueles ditos oficiais terá desdobramentos significativos no que tange à representação de identidades. Seu reconhecimento como arquivo poderá remodelar e reconfigurar os documentos, ora trazendo à luz seus traços de permanência — registro do passado, fatos históricos e frutos de pesquisa —, ora sua promessa de novidade, seu impulso revisional, seu discurso que provocará um ruído na historiografia. Nessa medida, o romance pode ser, à luz de Derrida, revolucionário e inovador. É o que ocorre quando Jesus e Evaristo revisam suas experiências passadas e elegem as que são dignas, não só de serem narradas, mas também registradas.

Como percebemos, o arquivo pode ser considerado um importante quesito de circulação e legitimação das formas de discurso do saber. Dessa forma, ele pode tanto engessar subjetividades criando verdades que sustentem um passado hegemônico, como também pode negar a história, conferindo autoridade a outros discursos tendendo à anulação dessa. Ricœur (2007, p. 176) encontra nele o momento do ingresso na escrita da operação historiográfica, diferente do testemunho que é originalmente oral. Este é ouvido e aquele é lido. É nesse sentido que afirmamos a marginalidade do discurso como uma importante ferramenta que, quando legitimado, ou seja, transmutado em arquivo, poderá questionar uma tradição existente e criar outra mais significativa, assim, ao considerarmos que o essencial de um fundo de arquivo consiste em textos e se nos ativermos aos testemunhos deixados, a mudança de estatuto do testemunho falado ao de arquivo contribuirá para a primeira mutação historiadora da memória viva (RICŒUR, 2007, p. 179).

Constatamos, então, que, para a criação de um mundo mais significativo, é importante o encontro com um passado mais significativo também. Daí a necessidade de as literaturas afro-brasileiras promoverem tal movimento, já que a historiografia oficial não o fez. Walter Benjamin acredita que a história não deve ter uma concepção de passado aditivo no qual se somam fatos e mais fatos, ela deve ser transformadora, atualizar-se e se modificar a cada movimento. O autor colabora significativamente para o nosso estudo com a figura alegórica do colecionador (1988) que vai “escarafunchando” ruínas, perseguindo relíquias, olhando atentamente os restos a fim de encontrar algo que possa fazer parte da sua coleção. Ele retira as coisas de um contexto decadente e as expõe com novo valor, inverte o foco sobre elas, ou melhor, ele as enfoca quando ninguém mais ousaria.

Essa discussão esclarece a postura da narradora que coleciona memória de ruínas e de ausências e das autoras que se apropriam dessa memória perdida e a (re)contextualiza para que ela tenha outra utilidade que não a justificativa para o subjugamento e a estereotipação dos negros. Nesse ínterim, a literatura de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo contribuem com ênfase para a focalização não só dos dramas, mas também das tramas presentes na vida de tantas Marias ou Carolinas, meninas espertas, questionadoras, que ousaram escrever em primeira pessoa suas histórias.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras Escolhidas, Volume I.* 7ª ed. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura.* Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana.* Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória.* Belo Horizonte: Mazza, 2006.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência.* Trad. Cid Knipel Moreira. UCAM: 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória.* 5ª ed. Trad. Bernardo Leitão [et al]. Campinas: Unicamp, 2003.

MOREIRA, Daniel da Silva. *Reconstruir-se em texto: práticas de arquivamento e resistência no Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus.* <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL3Art6.pdf> - acesso em 15/06/2010.

RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento.* Trad: Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes.* Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.